



REDATOR PRINCIPAL

ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redação, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º

Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Talheba-Lisboa • Telefone 5839 C.

Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## No regime da depredação

A entrevista, de que ontem publicámos um largo extracto, concedida ao *Século* pelo sr. Malheiro Reimão, antigo ministro demócrata, dá bem a ideia do estado de corrupção a que chegou a administração pública em Portugal. É um pano de amostra, meio dia de factos destacados ao acaso, mas por elas se avalia o que nos foi dito. O grito, soltado em pleno parlamento, de que os cofres públicos estão a saque, é rigorosamente verdadeiro. A saque, positivamente. A malta voraz da politicagem arrebanha quanto pode. Em quanto ao país se pedem mais impostos, enquanto ao contribuinte se exigem mais tributos, hordas de parasitas, desenfreados, com rebaço, absorvem o pouco que inda resta. O dinheiro da Nação assim se some nas unhas desses esbanjadores, a quem nenhum castigo é imposto, a quem nenhuma conta são pedidas. E' faltar, vilanagem! Que importa o agravamento cambial, o empobreecimento aterrador do país, a fome negra da população, a iminência da ruína absoluta? Nos cofres da Nação há ainda algum dinheiro: é esbanjá-lo, que em quanto durar não há lugar para tristezas. Toca a prolongar o regabofe e a aumentar o número dos convivas. Não há mais lugares? Criam-se. Dinheiro? Pede-se emprestado, embora se saiba que se não pode pagar. Ou então aumenta-se a circulação fiduciária. Quando escasseia o dinheiro põem-se em funcionamento acelerado as máquinas de impressão da Casa da Moeda, e em breve se arranja uma tarassada de contos, embora isso duplique quasi instantaneamente o custo da vida, e obrigue a libra a novos saltos. Mas que importa? Aumentam-se os protestos a matulagem, tanto quanto baste para que a leve vida regalada. Em quanto houver é gaster.

E' comer, é fartar. Os operários que trabalhem, não oito horas mas vinte e quatro. Que trabalhem de dia e de noite, até que a fadiga os arrebente. Que trabalhem, mas é preciso ver: tem de pagar um imposto para trabalhar. A vadiagem precisa de dinheiro. Trabalhai, portanto, e pagai o tributo aplicado ao vosso labor, porque a Pátria está em perigo e é preciso aumentar a produção. Trabalhai mais, trabalhai sempre. O número dos funcionários aumentou de dezessete mil nos três

Irlanda revolucionária

Os oficiais britânicos viajarão em automóveis do governo

LONDRES, 21.—O governador militar da Coroa publicou um aviso oficial em que diz que tendo-se constatado numerosos ataques feitos pelas forças rebeldes aos automóveis que conduzem oficiais do exército britânico estes devem para o futuro ser conduzidos em automóveis do governo. — *Rádio*.

Mac Ready não quer represálias

LONDRES, 21.—O general Sir Neil Mac Ready publicou uma proclamação, em Dublin, preventivo as tropas irlandesas que se fizessem represálias seriam punidos os seus autores à pena de morte. — *Rádio*.

## Ferroviários do Sul e Sueste

### Nota oficiosa

Foram postos em liberdade os ferroviários civis que se encontravam detidos em S. Julião da Barra, mantendo-se prisão de outros sem motivo justificado.

O ódio e a revanche vingativa dos meses de serviço está-se produzindo toda a violência, havendo ainda por admitir muito pessoal, que aguarda seu chamamento.

Também as transferências são em grande número, não se justificando tal medida de repressão que estão irritando ainda mais a opinião ferroviária.

No Minho e Douro já fôram amuladas todas as demissões, sendo todo o pessoal admitido.

Não se comprehende que no Sul e norte não haja o mesmo procedimento.

### Nova tática

Reúnem hoje, às 20 horas, na Associação dos Caixeiros, os membros que compõem a comissão que foi eleita na assembleia de domingo, afim de discutir quais as bases orgânicas a dar futuro organismo comunista.

## EM VOLTA DA GREVE FERROVIÁRIA

### A oportunidade e as greves

A ocupação militar dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, em 21 de Setembro, começou de produzir imediatamente os seus efeitos.

A efervescência dos espíritos era grande, provocada não só pelas declarações do sr. Velhinho Correa, como pela ordem n.º 10, do Conselho que pretendia tornar efectiva a eleição de delegados para constituir a comissão revisora do decreto 5605, pondo em cheio a Associação de Classe e desprezando as deliberações da assembleia da dia 15.

Veio por consequência a ocupação militar aumentar essa efervescência, recente e antiga, para aumentar-lhes os vencimentos, para garantir-lhes uma existência confortável e ociosa.

E falava esta gente da monarquia. Sim, ela foi, de facto, um regime de crápula e esbanjamento. Mas, mesmo nas épocas de maior escândalo, nunca a bambucha tam descarada e completa se mostrou. A República bateu o record de todos os tempos na devida consideração e, daí a inesperada resolução, tomada pelo sr. Granjo como medida de precaução—dizia ele.

Para o dia 20, estava marcada uma sessão magna da classe ferroviária, no Barreiro.

A essa sessão foram os srs. Velhinho Correa e António Granjo convidados a assistir, tendo enviado o sr. Tavares de Carvalho como seu representante.

Esperava o governo que a assembleia votasse a greve, mas a sua expectativa foi iludida, porque os ferroviários, apesar de excitados, procederam com ponderação, não votando a greve, apesar da atmosfera ser propícia à sua imediata declaração.

De todos os pontos da linha foram enviados energicos protestos contra a ocupação militar, opinando-se de tóda a parte que o movimento deveria reverter, sem mais delongas.

Depois dum longo debate, a que o representante do governo assistiu, a assembleia aprovou uma moção que, estabelecia uma plataforma conciliatória, ia ao encontro das opiniões do governo, sem contudo ter os interesses da classe ferroviária.

Eram estas as conclusões da referida moção:

“Aceitar desde já e sem prazo, a revisão completa do decreto 5605 de 10 de Maio de 1919 e a nomeação dum comissão mista, em que os representantes dos ferroviários do Sul e Sueste e Minho e Douro, fiquem em número igual aos representantes do governo.”

“Pedir a imediata negociação das reclamações apresentadas em 1 de Setembro e a concessão da terceira, quarta, quinta, sexta, sétima, oitava e décima primeira, com carácter provisório, até à conclusão da revisão do referido decreto.”

Colocada a questão neste pé, estava arredada a possibilidade da greve. Não podiam, porém, os ferroviários começar a tratar com o governo sem que ele retirasse a força armada, pois que o contrário daria a impressão ao público de que os ferroviários eram coagidos pela força a estabelecer uma plataforma, o que não era verdadeiro.

Por isso que uma segunda moção foi aprovada, cujas conclusões reclamavam a imediata retirada da força armada, sem o que não poderiam os ferroviários encetar as negociações com o governo.

Ambas as moções foram entregues aos representantes do governo, aguardando desde esse momento, os ferroviários, que a força militar fosse retirada, afim de se poder encetar as negociações.

Como resposta a esta atitude conciliatória, o sr. António Granjo manda reforçar as tropas de ocupação, e, no dia 22, publicou um decreto pelo qual todos os serviços eram entregues à superintendência militar, sob a dirección do comandante do Batalhão dos Sapadores de Caminhos de Ferro. Isto deu como resultado o alargamento da vigilância sobre o pessoal, sendo transmitidas ordens para que sobre as máquinas passassem a transitar, permanentemente, soldados armados, o mesmo sucedendo nas rotundas, cais, bilheteiras, etc.

Estas medidas tinham por fim fazer observar a doutrina do decreto de militarização (690), consubstanciada na redacção do seu terceiro considerando, que diz assim:

“Considerando que é necessário assegurar por todos os meios o abastecimento do país e em especial, neste momento, o transporte de adubos e de géneros alimentícios, convindo por isso, os altos interesses da Nação, agir por forma a evitar a paralisação dos serviços ferroviários.”

O sr. Velhinho Correa, a este tempo, manutinha-se no seu papel de *moco de recados* do Conselho de Administração, antegosando a obra do sr. António Granjo e esfregando as mãos por ver os ferroviários subjugados pela violência, impossibilitados—segundo ele e o mesmo sr. Granjo—de poderem declarar a greve e por consequência obrigar a que aceitem as imposições dos liberais—do Conselho.

Evidentemente que a atitude provocadora do governo produziria os seus efeitos e até à Associação de Classe, começaram a chegar as imposições do pessoal, exigindo a declaração imediata da greve.

Os maquinistas recusavam-se tripular as máquinas acompanhados por sol-

## ORGANIZAÇÃO DOS CAMPOENSES

### A Federação dos Trabalhadores Rurais

efectuou a reunião do Conselho Federal

EVORA, 19.—C.—Pelo secretariado da Federação dos Trabalhadores Rurais foi feito convite à organização dos camponeses em geral para um conselho federal que inaugurou hoje, domingo, 51 sindicatos, oito dos quais enviaram delegados directos para assistirem a esta magna reunião.

Nas inscrições das adesões contámos os seguintes sindicatos:

Lisboa, S. Braz de Alportel, Odemira, Beja, Vila Franca, Alpiarça, Serpa, Egrenha, Aldeia Nova, Safara, Souzela, Fronteira, Cabeço de Vide, Casa Branca, Benavila, Ervedil, Escoural, Montemor, Vendas Novas, Moita, Sabugueiro, Boa-fé, S. Manços, Monte de Trigo, Montijo, Val de Vargas, Moura, Redondo, Capilins, Alcâcovas, Terrugem, Alfândega, Pêro-Guarda, Ferreira do Alentejo, Figueiras dos Cavaleiros, Albernôa, Santo Aleixo, Coruche, Azinhaga, Portalegre, Alter do Chão, Escatilares, Salvadas, Penedo Gordo, S. Mamede de Riba-Tua, Pavia, Palmela, Aldeaguela, Pinheiro Grande, etc.

Ainda neste sentido fez a Comissão de Melhoramentos, a pedido do comandante das forças militares destacadas no Barreiro, uma *démarche* junto do sr. Liberato Pinto, chefe do estado maior da guarda republicana, que não resultou alguma.

Esgotados todos os esforços que a Associação de Classe empregou, para evitar a greve, esta tornou-se inevitável, porque o governo, mantendo o decreto 690, mantinha todos os insultos lançados, ao resto dos ferroviários, afanando-se das suas medidas militares, que evitariam a declaração da greve.

Perante o rigor dos factos, produziu-se, como demonstração de energia e de consciência da classe ferroviária, a declaração do movimento grevista, que explodiu na tarde do dia 30 de Setembro, sem que os militares tivessem tempo de se aperceber da gesto altivo dos ferroviários.

A ordem dos trabalhos é a apreciação dos seguintes 11 pontos:

1.º Reconstituição da C. Executiva da Federação;

2.º Desenvolvimento da organização rural;

3.º Novo projecto de estatutos;

4.º Conselhos técnicos;

5.º Desenvolvimento da agricultura;

6.º Abolição da empreitada;

7.º Crises de trabalho;

8.º e 9.º Cooperativismo;

10.º Resoluções do V Congresso;

11.º Sobre a carestia da vida.

Sobre o 1.º ponto ficou assente que continua a mesma Comissão Executiva reforçada com o camarada Lourenço Rozendo.

Com referência ao 2.º ponto, foi aprovado um parecer com as seguintes conclusões:

a) que a Federação desenvolva a sua esfera de ação;

b) que os sindicatos deem cumprimento às resoluções do III e IV congressos, na parte respeitante aos passos de confraternização;

c) que os sindicatos façam a máxima propaganda a favor do sindicato;

d) que a Federação faça constar à C. G. T. que necessita do seu auxílio quer moral quer material para se conseguir a reorganização dos trabalhadores.

E' igualmente aprovado um aditamento de Candeira á cerca do trabalho das mulheres e menores.

O conselho resolve, sobre o 3.º ponto, que sejam abolidos os velhos estatutos e que se admite um novo tipo de sindicatos de confederados.

O 4.º ponto: que todos os sindicatos se organizem conselhos técnicos, compostos por indivíduos de todos os ramos da agricultura, para estudarem a melhor forma de desenvolver a produção; que os conselhos elaborem estatísticas de produção e consumo; que deem parecer sobre arboricultura; que seja criado, dentro da Federação, um conselho técnico central, para establecer comunicações com os outros conselhos e fazer estatísticas gerais.

A 20 horas é o conselho suspenso por uma hora, para os delegados tomarem algum alimento e prosseguindo a hora de fecharmos esta correspondência.

Miguel CORREA

## VER NA 2.ª PÁGINA:

### Debate de opiniões

Artigo de Gil Gonçalves

## A arte e os artistas

Exposição de aquarela ou loja de quinquilharias reles?

Estão desde anteontem patentes a um pouco mais bizarro, não só ainda desta categoria. Apenas os seus croquis tem valor real. O n.º 150 é de facto o melhor; revela graça, é admiravelmente indicado, vivo quâsi. O n.º 149 é o pior; mais grosso, o pescoco detestável, uma perna que é uma verdadeira aborto. O n.º 147 é um autêntico tipo de francesa.

Roque Gameiro enviou apenas um bom quadro, por desfausto—*Na Praia Grande*. No lugar do sr. Gameiro não enviariam nada... Temos dúbias a contactar de certos talentos.

Leitão de Barros não perdeu ainda o hábito dos azuis e dos roxos desneulos, por vezes, que dão uma aparência de falsidade a alguns dos seus quadros. Se não tivesse abusado destas duas cores, o *Interior da igreja de São Francisco*, onde, com auxílio de guache, executou uns doídos admiráveis, seria um quadro de valor. O seu cartão *A chapa do sol* devia intitular *Em plena sombra*; dito isto, basta de crítica sobre o quadro. *Trazeira da fábrica de pirotópios* é um assunto bonitinho e fácil, onde Barros sentiu à vontade e onde não emprega os talos roxos e azuis histéricos. Gastou Leitão de Barros o seu tempo com umas jarras, flores, uvas e babiloias, que já não interessam de tanto os termos visto em todas as exposições.

O jarro, as flores, a sardinha e as cebolas, os rabanetes e a couve, a alcace para grilos e a romã que dão boa sorte, a pescada do alto e o pargo, são assim desneulos de interesse que todos os pintores aproveiam. Há quem não se dedique a outra cosa. Ora, quando se apresentam com originalidade flagrante, para que serve gastar tempo e tinta com eles? Bastia Basta de natureza mortal! E o sr. Gabriel Constante, que devia desistir da aquarela, pintou umas romãs que tem extraordianas semelhanças com cebolas... Não se julgue, porém, que Gabriel Constante é mau artista. No pastel revela um temperamento fino e requintado. O seu quadro n.º 180, *Gardô*, é incontestavelmente bem executado, não falando, é claro, da banalidade do assunto. O n.º 178, 179 e 181 também se podem ver.

Helena Gameiro expõe apenas dois quadros. Uma paisagem como há muitas e um *Terraço*, muito inferior aos seus quadros do ano passado.

Que mais há lá? Uns estudos bem feitos por Henrique Santos Júnior: dois carvões de João Reis, que não vão além de bem desenhados; três desenhos de Varela Aldemira, inferiores a produções suas que temos visto noutras exposições e o resto, salvo alguma cosa boa que não nos ocorra neste momento, não presta, é palha, pior do que palha. Se o crítico tivesse a paciência de ocupar-se deles, não devia empunhar uma pena, mas sim uma vassoura. Era preciso varrer para fora do edifício cerca de cento e tantos quadros. Ora, desempenha neste caso o panel de varedor, não seria muito agradável. E' mais prático deixar no olvido todo lixo que suja aquelas paredes.

M. D.

## CON

## DEBATE DE OPINIÕES

## O CAMINHO A SEGUIR

deve ser a preparação dos elementos com que há de fazer-se a revolução

Carlos Rates levou esta questão, com um artigo seu publicado na *Batalha* o mês passado. Responde-lhe Manuel Joaquim de Sousa e a redacção desse jornal emitiu num outro artigo seu parecer, e daí só um ou dois caminhos mais entraram no debate, tanto interessante que bastante devemos lembrar que Rates se tenha encontrado ultimamente só. Rates trouxe um plano novo, uma maneira sua de fazermos a nossa revolução adaptada às circunstâncias do momento que atravessamos, e que, por não terem sido previstas, prejudicaram em grande parte as opiniões dos sociólogos nossos conhecidos: Rates é decididamente oportunista. Entende que devemos deixar mão do balcão que os governos da burguesia não sabem governar, e não se importa de saltar por cima de muito do quanto, sobre o modo de fazer a revolução, tinhamos estabelecido. Joaquim de Sousa contesta o parecer de Rates, sem lhe opor claramente outra forma por que, possivelmente, a revolução possa verificar-se tam depressa como no-lo impõem os acontecimentos internacionais que, dia a dia, vao tomando um aspso de mais aberto e apressado caminhar para revolução internacional.

Qual dos dois, Rates ou Sousa, está mais perto da verdade? O problema exige um estudo profundo e imediato. Todos nós devemos ocupar, mostrando a Rates que engana naqüis dos seus pontos de vista, e aceitando outros, desapixonadamente, se os acharmos—creio que alguns acharemos—dissos disso.

Rates entende que devemos organizar a revolução para que a não apanhe de surpresa. Ele alinhava o caminho que teríamos a seguir desde o momento da nossa conquista do poder. Entende que devemos conquistá-lo, de facto, indo, para isso, até à colaboração em movimentos de carácter político, e, porque o entende, tem elaborado o seu programa de *governação operária*. Por seu lado, Sousa acha tudo isso demasiadamente oportunista extemporâneo, pois que «nós ignoramos em que condições se operará a revolução», visto que ela «está sujeita aos acontecimentos de outros países».

Eu creio que ambos tem razão, e que ambos, exagerando o seu modo de ver, a 'não tem; isto é, eu creio que a razão fica entre os pontos de vista expostos por um e outro. O que é preciso é que nos entendamos, e que passemos da exposição do nosso modo de ver ao estudo concreto da questão, numa maneira menos estéril do que o temos feito.

Vejamos os pontos em que as opiniões de certo modo se conciliam.

Todos estamos de acordo em reconhecer que a situação do país é desastrosa, e todos sabemos bem que somos nós, simultaneamente produtores e consumidores, que sofremos sempre as consequências dos erros a que a incompetência dos governantes burgueses os leva na administração dos negócios nacionais. A questão nacional deve interessar-nos, portanto, neste momento em que o país caminha para a ruína.

Como quer que façamos a revolução, as dificuldades a vencer serão tanto maiores para nós quanto maior for o desbarato em que as riquezas nacionais se encontrem, quanto pior estiver o lesgado que a organização capitalista há de deixar nas nossas mãos. Os estadistas burgueses, preocupados com as lutas políticas, chegam cegos às cadeiras de poder.

E, numa vez ali, nada podem fazer do que, antes de lá ir, queriam que os outros fizessem. E' que o remédio para o mal está num ponto em que eles não podem bular. Para qualquer lado que se voltem, encontrarão sempre uma oposição contra a qual lhes é impossível reagir, principalmente porque ela parte de indivíduos cujo apoio não podem dispensar. Eles cãem, uns após outros, cada vez mais fazendo que simples experiências da governação, cujos resultados são sempre funestos para o país, que se afunda mais e mais a cada nova medida. Em Portugal, a comédia governamental desceu o mais baixo grau do ridículo, com as brincadeiras dos governos que os seus intérpretes tem executado. Nenhum mal iria missa para nós, que nos limitariam a vir de tudo, se as despesas, inteiramente desnecessárias, não fossem pagas por nós, exclusivamente por nós, directa ou indirectamente por nós; se todas essas louras, se todos esses brinquedos aos governos não fossem a nós que custavam caros e bem caros.

Parece que até aqui ainda todos estamos de acordo. A situação do país não nos deve merecer desinteresse, pois que seremos nós, como sempre temos sido, as vítimas da negligéncia e da incompetência dos governantes burgueses.

O regime deficitário agrava-se diuturnamente para o contrário. Em Portugal produz-se um terço, se tanto, do que se pode produzir. A importação aumenta, por constante, e, como consequência, o câmbio sobe dum maneira assustadora. Londres, que ainda no princípio do ano estava a 20, está agora a pouco mais de 5, e estará a muito menos dentro de pouco tempo; isto é, a libra que no começo deste ano custava 12,00 custa agora 40,00. Em menos de um ano, o câmbio sobre Londres subiu mais de 200 por cento!

Mas vejamos mais: As tentativas de aumento da dívida externa nemphum outro resultado deram além das fabulosas despesas que acarretaram. E o empréstimo interno surtiu efeitos idênticos. O prestígio dos nomes do poder não garantiu o desembolso daqueles milhões de escudos que o governo pedia. E, por isso, o nosso capitalismo, sabendo, embora, que o seu dinheiro pouco vale, e pode não valer nada amanhã, preferiu-vé-lo no fundo do cofre a entregar-nos nas mãos dos governantes. O empréstimo interno pouco mais daria também do que para pagar comissões e emissões de títulos, se não tivesse sido, por assim dizer, esquecido.

A situação do país é esta. O capitalismo não confia já o seu dinheiro aos governos saídos do seu selo e que o seu objectivo não tem, além de defender os seus interesses.

Apresente Rates dentro da C. G. T.

## COLISEU DOS RECREIOS

HOJE - Às 21 horas - HOJE

Interessante espectáculo

ULTIMA semana da actual

Companhia de Circo

Magnífico e emocionante trabalho do

celebre e arrojado equilibrista

de trapaça

**LEOPOLDO**

O MAIOR SUCESSO DE CIRCO!!

Audacioso trabalho do famoso

domador **FORTUNIO**

4 - LEÕES - 4

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*